

SÔNIA LUZIA NOGUEIRA
DA FONSECA

CADERNO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Religiões de Matriz
Africana e Afro-
Brasileira no Espaço
Escolar

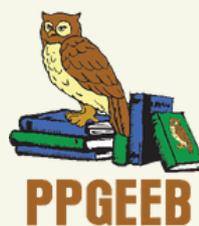




SÔNIA LUZIA NOGUEIRA DA FONSECA

CADERNO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Religiões de Matriz Africana
e Afro-Brasileira no Espaço
Escolar



São Luís - MA
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
REITOR NATALINO SALGADO FILHO**

**AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS
GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO
FERNANDO CARVALHO SILVA**

**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

PROF.^a DRA. VANJA MARIA DOMINICES COUTINHO FERNANDES

**AUTORA DO PRODUTO EDUCACIONAL
MESTRANDA SÔNIA LUZIA NOGUEIRA DA FONSECA**

**ORIENTADOR DO PRODUTO EDUCACIONAL
PROF. DR. ANTONIO DE ASSIS CRUZ NUNES**

IMAGEM DA CAPA

festa_olufan_afonja1

https://pensamentovoa.files.wordpress.com/2012/09/festa_olufan_afonja1.jpg



São Luís - MA
2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
1 INTRODUÇÃO.....	07
2 OFICINA PEDAGÓGICA 01 – O Brasil de Todos os Santos – a religiosidade na vida de cada um.....	10
2.1. Sequência Didática.....	12
2.2 Por dentro do assunto.....	14
2.3 Praticando a oficina.....	16
2.4 E para consolidar a aprendizagem.....	
3 OFICINA PEDAGÓGICA 02 – O Sincretismo/Hibridismo como elemento de resistência negra	17
3.1 Sequência Didática.....	18
3.2 Por dentro do assunto.....	19
3.3 Praticando a oficina.....	21
3.4 E para consolidar a aprendizagem.....	22
4 OFICINA PEDAGÓGICA 03 – A Criação do Mundo e os diversos olhares da Cosmogonia.....	23
4.1 Sequência Didática.....	24
4.2 Por dentro do assunto.....	25
4.3 Praticando a oficina.....	28
4.4 E para consolidar a aprendizagem.....	29
5 OFICINA PEDAGÓGICA 04 – O Tambor de Mina – Os sons que ecoam no Maranhão.....	30
5.1 Sequência Didática.....	30
5.2 Por dentro do assunto.....	31
5.3 Praticando a oficina.....	32
5.4 E para consolidar a aprendizagem.....	36
6 OFICINA PEDAGÓGICA 05 – Musicalidade e Instrumentos de Origem Africana presentes na Cultura Local e Religiosa do Tambor de Mina.....	38
6.1 Sequência Didática.....	39
6.2 Por dentro do assunto.....	40
6.3 Praticando a oficina.....	44
6.4 E para consolidar a aprendizagem.....	
7 OFICINA PEDAGÓGICA 06 – O Banquete dos Santos – A comida africana e os terreiros do Tambor de Mina.....	45
7.1 Sequência Didática.....	46
7.2 Por dentro do assunto.....	47
7.3 Praticando a oficina.....	48
7.4 E para consolidar a aprendizagem.....	51



8 OFICINA PEDAGÓGICA 07 – Minhas indumentárias: representação de minha identidade e resistência.....	53
8.1 Sequência Didática.....	54
8.2 Por dentro do assunto.....	55
8.3 Praticando a oficina.....	61
8.4 E para consolidar a aprendizagem.....	62
9 OFICINA PEDAGÓGICA 08 – FIOS E TRAMAS DE CONTAS – As cores dos orixás e Nações Africanas nos rosários do Tambor de Mina.....	63
9.1 Sequência Didática.....	64
9.2 Por dentro do assunto.....	65
9.3 Praticando a oficina.....	69
9.4 E para consolidar a aprendizagem.....	70
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	72

APRESENTAÇÃO

Professoras e Professores,

Este Caderno de Atividades Pedagógicas tem por finalidade auxiliar coordenadores pedagógicos e professores das séries iniciais do Ensino Fundamental na abordagem de conteúdos curriculares referentes a História e Cultura Africana e Afro-brasileira, em especial as religiões e religiosidades dos povos negros no Maranhão, advindos do processo diaspórico.

Este material contém sequências didáticas para o trabalho junto aos estudantes, com sugestões de Oficinas Pedagógicas para serem efetivadas, reconstruídas e ampliadas, de acordo com a realidade vivenciada no espaço escolar.

As atividades apresentadas contemplam os princípios gerais da educação nacional, bem como, dos subsídios trazidos pela Lei n. 9 10.693/2003, as Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação das Relações Étnico Raciais, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Documento Curricular do Território Maranhense.

Trazer essas reflexões para a escola é um desafio para a construção de práticas pedagógicas aproximadas dos estudantes e sua comunidade, bem como suscitar a sensibilização dos segmentos presentes na escola para a superação de preconceitos e intolerâncias, sejam eles/elas, raciais ou religiosos.

Sônia Luzia Nogueira da Fonseca

Mestranda - PPGEEB - UFMA

1 INTRODUÇÃO

A escola enquanto espaço de construção e promoção de aprendizagens, ainda vem apresentando dificuldades em implementar em suas práticas pedagógicas ações educativas que favoreçam o desenvolvimento de competências e habilidades que suprimam os preconceitos, as intolerâncias e os mais diversos tipos de discriminação, que possam enfraquecer as relações sociais e educacionais que se façam nesse contexto (CAVALLEIRO, 2001).

Mesmo com a implementação das Lei n. 10.639/2003 e Lei n. 11.645/2008, continuamos com a presença de processos excludentes e de não aceitação de outros saberes, hábitos e olhares diferentes daqueles que secularmente foram constituídos como sendo os necessários para serem adquiridos durante o processo educacional. Pouco se vê o reconhecimento das contribuições de negros, indígenas e demais povos que estão presentes na formação do povo brasileiro, causando a ausência de relações dialógicas pautadas no respeito e valorização de si e de outrem.

A Lei n. 10.639/2003 constitui-se como marco histórico na política de enfrentamento ao racismo e ao preconceito, favorecendo o acesso aos saberes da história e cultura africana e afro-brasileira por estudantes e professores da educação básica.

O acesso as epistemologias presentes nas discussões sobre as culturas, as práticas, os saberes, a filosofia, os valores e os demais conhecimentos trazidos pelas/os negras/os escravizadas/os trazidas/os pelo processo diaspórico africano. Estes conhecimentos favorecem o fortalecimento de habilidades e condutas que promovam o respeito e a valorização e, conseqüentemente, a exclusão de processos discriminatórios e antirracistas.

Do exposto, dentre os conhecimentos que a escola pode ensinar atendendo a Lei Nº 10.639/03 são as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, haja vista que na maioria das vezes existem poucos livros didáticos e paradidáticos que tratam sobre esse assunto. A referida lei prevê que as escolas brasileiras devem inserir nos seus currículos a história e a cultura afro-brasileira e africana, e neste sentido a religiosidade está contemplada neste debate. Assim, consideramos necessário e importante que nas escolas maranhenses tenham um material didático, que aqui estamos chamando de Caderno de Orientações Pedagógicas para permitir um ensino sobre a religião de matriz afro maranhense, em particular o tambor de mina. Tratar sobre religião e religiosidade destaca-se como um desafio nas salas de aula, mesmo diante de uma legislação que afirma a laicidade e o respeito, necessitando de predisposição e formação dos profissionais da educação para que tais discussões possam efetivar-se.

O tambor de mina é uma religião de matriz afro-brasileira que tem sua origem no Estado do Maranhão, no meado do século XIX, tendo como suas bases duas Casas fundadas por africanos: Casa das Minas e a Casa de Nagô.

A Casa das Minas tem fundamentos de origem daomeana, localizada na região central da capital maranhense. Atualmente suas atividades estão apenas como espaço de memória cultural, histórica e religiosidade, com a realização de atividades culturais e comemorativas de datas do calendário cultural e religioso.

A Casa de Nagô, está localizada também no centro de São Luís, capital do Maranhão, tem como origem a cultura e religiosidade iorubana, dando origem a diversos espaços religiosos do tambor de mina no Estado. Desenvolve atividades do calendário cultural e religioso.

Estes dois espaços religiosos são referências históricas, religiosas e culturais e, atualmente receberam tombamentos como reconhecimento de suas fortes influências na religiosidade e na cultura maranhense e brasileira.

Então trazer a escola os saberes, hábitos, princípios e costumes presentes nas religiões de matriz africana e afro-brasileira, vem como estratégias de envolver e contextualizar de conhecimentos que estão presentes em nosso cotidiano, mas que não reconhecemos como algo próprio de nossa ancestralidade e, muitas vezes, por desconhecimento tendemos a desvalorizar e estigmatizar negativamente.

O Caderno de Orientações Pedagógicas está organizado em oito capítulos, excetuando-se a introdução e a conclusão, os quais foram denominados de oficinas pedagógicas,

As oficinas pedagógicas foram propostas como forma de vivenciar ações práticas sobre os temas apresentados, favorecendo a/ao professora/professor melhor compreender sua prática pedagógica,, refletir sobre as temáticas e construir sua própria proposta de ação, de forma dinâmica e produtiva. Para Anastasiou e Alves (2015) oficina pedagógica:

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva. (ANASTASIOU; ALVES 2015, p.96)

Metodologicamente, cada capítulo inicia com um quadro sinótico sobre a temática de uma oficina, o qual está composto pelos conteúdos, objetivos, as habilidades da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Em seguida, há um texto sobre a temática da oficina e questões sobre o texto. Em continuidade, há algumas propostas de atividades para as/os docentes trabalharem cada oficina. Acrescentamos que a utilização das habilidades da BNCC, por este ser o documento norteador das práticas docentes a serem realizadas nas escolas na educação Nacional.

2 OFICINA PEDAGÓGICA 1

TEMA: "O BRASIL DE TODOS OS SANTOS –
A RELIGIOSIDADE NA VIDA DE CADA UM".

CONTEÚDOS

OBJETIVOS

HABILIDADES DA BASE
NACIONAL
CURRICULAR COMUM (BNCC)

- Religião e Religiosidade
- Seitas
- Comunidades Religiosas,
- Religiões de Matriz Africana e Afro-brasileira

- Identificar os principais conceitos sobre religião e religiosidade, numa perspectiva filosófica, política e cultural.
- Reconhecer a diversidade religiosa na perspectiva de superação do preconceito e intolerância étnica e religiosa.
- Conhecer as religiões de matriz africana e afro-brasileira presentes na Capital Maranhense.
- Relacionar religião, religiosidade e identidade étnica.

(EF05ER01). Identificar e respeitar acontecimentos sagrados de diferentes culturas e tradições religiosas como recurso para preservar a memória.

(EF35LP10). Identificar gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguístico-expressivas e composicionais (conversação espontânea, conversação telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio e TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.). Variação linguística.

(EF35LP25). Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

(EF05LP26). Utilizar, ao produzir o texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: regras sintáticas de concordância nominal e verbal, convenções de escrita de citações, pontuação (ponto final, dois-pontos, vírgulas em enumerações) e regras ortográficas.

(EF05HI04). Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

2.1 POR DENTRO DO ASSUNTO...

RELIGIOSIDADE VERSUS RELIGIÃO

Gemkos Astazerld

Religião e religiosidade são termos que dividem opiniões e que também confundem a cabeça de muitas pessoas, principalmente as dos próprios religiosos.

Mas verdadeiramente, qual a diferença entre esses dois termos?

O dicionário tem oito definições para o termo religião:

Religião – Substantivo feminino

1. Crença na existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, do qual depende o destino do ser humano e ao qual se deve respeito e obediência.
2. Postura intelectual e moral que resulta dessa crença.
3. Sistema de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem; fé, culto.
4. Culto que se presta à divindade, consolidado nesse sistema.
5. Observância cuidadosa e contrita dos preceitos religiosos; devoção, piedade, fervor.
6. fig. prática, doutrina ou organização que se assemelha a uma religião.
7. fig. aquilo que se considera uma obrigação moral, um dever inelutável.
8. fig. conjunto de princípios morais e éticos.

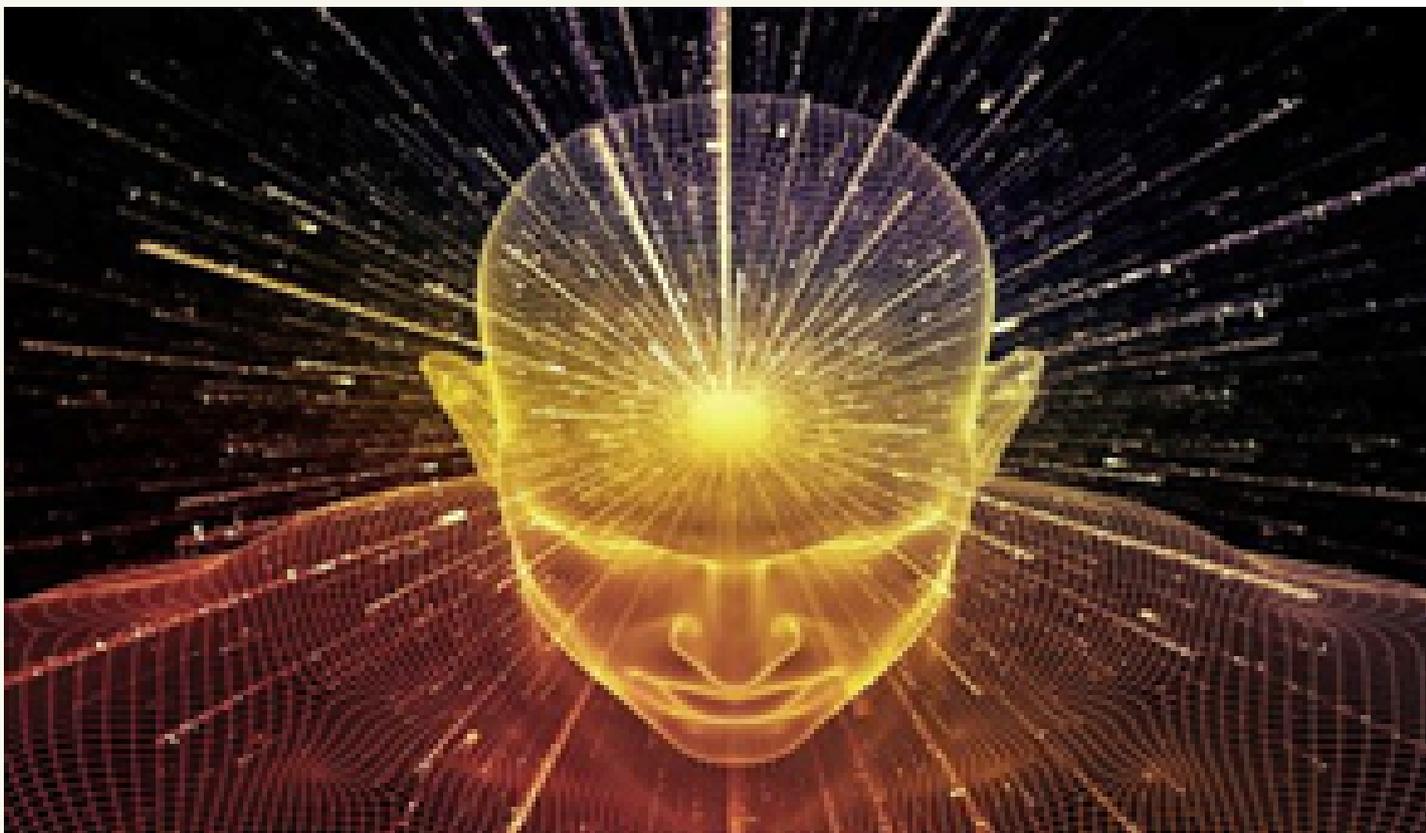
...e três para religiosidade:

Religiosidade – Substantivo feminino

1. Qualidade do que é religioso.
2. Tendência para os sentimentos religiosos, para as coisas sagradas.
3. Conjunto de escrúpulos religiosos ou de valores éticos que apresentam certo teor religioso.

A prática da Religiosidade e da Religião são coisas absolutamente distintas e não devem ser confundidas de forma alguma. A primeira independe da segunda, e a segunda lamentavelmente pode também ser encontrada divorciada da primeira. Religião é sempre instituição, acordo social, edifício teórico, organização hierárquica, atividade política. Religiosidade é o sentimento maior (inato), a fé praticada, a posição mais íntima, a intuição do mistério.

Do ponto de vista geral, a religiosidade mostra o sentido de transcendência de uma pessoa ao refletir sobre a espiritualidade. Uma espiritualidade que adquire aspectos concretos através de crenças pessoais que mostram a fé dentro de uma doutrina, não necessariamente religiosa. Esta religiosidade não aborda apenas a teoria, mas também a prática a partir do momento em que uma pessoa é fiel a suas ideias. A religiosidade mostra um tipo de conhecimento diferente do racional ao integrar o plano da fé como um valor de verdade.



2.3 PRATICANDO A OFICINA...

RELIGIOSIDADE VERSUS RELIGIÃO

a) Recursos didáticos

- Livros
- Audiovisuais e multimídias – data show, notebook e pen drive;
- Fichas em cartolina cartão com palavras;
- Quadro branco.

b) Sugestões de rotinas pedagógicas para apresentação dos conteúdos curriculares:

1ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Leitura de textos;
2. Discutir sobre os principais conceitos apresentados com a leitura do texto;
3. Trazer dados estatísticos sobre as religiões no mundo, na América Latina e no Brasil;
4. Pesquisar os templos, igrejas e demais espaços religiosos presentes na comunidade em que a escola está inserida;
5. Apresentação do vídeo: Diversidade Religiosa e Direitos Humanos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uW-zzS8_CI8

- 
6. Explorar os elementos que compunham a proposta apresentada pelo vídeo;
 7. Apresentar as diversas percepções sobre deuses, orixás e outras representatividades presentes em religiões e demais movimentos religiosos pelo mundo;Apresentação do vídeo: O Tambor de Mina no Maranhão. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=9KZ_ieXZxFE

2ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Leitura do texto: “Xangô”, Samba-enredo da Escola de Samba Salgueiro – Rio de Janeiro.
2. Organizar no quadro, fichas didáticas ou cartazes apresentando as religiões com maior número de adeptos, destacando suas principais características.
3. Exposição oral dialogada: indagações sobre o que as crianças compreendem sobre religião, qual a religião que eles e suas famílias professam, se eles já frequentaram outras religiões, se eles conhecem quais as religiões que existem em sua comunidade.
4. Pesquisar na comunidade quais as igrejas, terreiros e outros espaços religiosos existentes;
5. Tarefa de casa: realizar uma entrevista com adultos ou idosos de seu convívio sobre a religião que seguem.

Indagações propostas:

- Qual é a sua religião?
- Por que você escolheu essa religião?
- Você não tem religião, quais as razões que o levaram a tal decisão?
- Quais costumes você segue em razão de sua religião?
- Existem datas importantes na sua religião? Descreva essas datas.
- 6. Socializar entre os alunos as informações trazidas com as entrevistas.
- 7. Produção coletiva: Pesquisar em grupo sobre as religiões no mundo.



2.4 E PARA CONSOLIDAR A APRENDIZAGEM...

- Organizar um podcast sobre o tema religião e religiosidade com entrevista de lideranças religiosas da comunidade.





3. OFICINA PEDAGÓGICA 2

TEMA: “O SINCRETISMO/HIBRIDISMO COMO ELEMENTO DE RESISTÊNCIA NEGRA”.

CONTEÚDOS

OBJETIVOS

HABILIDADES DABASE NACIONAL CURRICULAR COMUM (BNCC)

- Sincretismo;
- Religiosidade;
- Santos e Orixás.

- Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modo de ser e de viver;
- Favorecer a construção de conceitos e valores, promovendo a convivência pacífica entre os indivíduos;
- Conhecer as principais representações do sincretismo religioso entre as religiões católica e de matriz africana e afro-brasileira.

(EF05ER01). Identificar e respeitar acontecimentos sagrados de diferentes culturas e tradições religiosas como recurso para preservar a memória.

(EF05LP24). Planejar e produzir texto sobre tema de interesse, organizando resultados de pesquisa em fontes de informação impressas ou digitais, incluindo imagens e gráficos ou tabelas, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

(EF35LP18). Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

POR DENTRO DO ASSUNTO...

SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO E RESISTÊNCIA CULTURAL

Sérgio E. Ferretti

Sincretismo é palavra considerada maldita que provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, como sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição do evolucionismo e do colonialismo. O Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (1975) apresenta cinco sentidos desta palavra. O primeiro deles como “reunião dos vários Estados da Ilha de Creta contra o adversário comum”. Como explica Canevacci (1996, p. 15): “Dizia-se, de fato, que os cretenses, sempre dispostos a uma briga entre si, se aliavam quando um inimigo externo aparecia”. Segundo o antropólogo holandês André Droogers (1989) o termo sincretismo possui duplo sentido. É usado com significado objetivo, neutro e descritivo de mistura de religiões, e com significado subjetivo que inclui a avaliação de tal mistura. Devido a essa avaliação muitos propõem a abolição do termo. Droogers informa que o termo sincretismo sofreu mudanças de significado com o tempo e que a distinção entre a definição objetiva e subjetiva tem raízes históricas. Na antiguidade significava junção de forças opostas em face ao inimigo comum, de acordo com o primitivo sentido político apresentado pelo Dicionário do Aurélio. A partir do século XVII, tomou caráter negativo, passando a referir-se à reconciliação ilegítima de pontos de vistas teológicos opostos, ou heresia contra a verdadeira religião. Hoje no Brasil este sentido encontra-se muito difundido. Embora alguns não admitam, todas as religiões são sincréticas, pois representam o resultado de grandes sínteses integrando elementos de várias procedências que formam um novo todo. No Brasil, quando se fala em religiões afro-brasileiras pensa-se imediatamente em sincretismo, como “aglomerado indigesto” de ritos e mitos, ou como “bricolagem” no sentido de mosaico as vezes incoerente de elementos de origens diversas” (Pollak-Eltz, 1996, p. 13).

Costuma-se atribuir também o termo sincretismo em nosso país, quase que exclusivamente ao catolicismo popular e às religiões afro-brasileiras. Mas o sincretismo está presente tanto na Umbanda e em outras tradições religiosas africanas, quanto no Catolicismo primitivo ou atual, popular ou erudito, como em qualquer religião. O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas.

PRATICANDO A OFICINA...

a) Recursos didáticos

- Audiovisuais e multimídias – data show, notebook e pendrive;
- Textos impressos;
- Crachás
- Papel sulfite A4;

b) Sugestões de rotinas pedagógicas para apresentação dos conteúdos curriculares:

1ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Discussão dialogada com os participantes;
2. Exposição do vídeo: Comunidades e festas – Coleção A Cor da Cultura – Mojubá I Volume 6. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=E6vGlnaxSLk>
3. Exposição dialogada:
 - Distinguir hibridismo e sincretismo;
 - Enumerar elementos trazidos pelo sincretismo;
 - Apresentação de santos católicos e suas representações no tambor de mina, candomblé e umbanda;
4. Visita orientada ao Centro de Criatividade Domingos Vieira Filho – “Casa da Festa”;

2ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Exposição do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=vcWCQhURSAU>;
2. Apresentação de quadro: Santos x Orixás – A relação entre as religiões e os calendários das religiões católicas e de matriz africana e afro-brasileira;
3. Exposição dialogada: Sincretismos: religioso e cultural;
4. Visita a terreiros/Casas próximos ou do entorno da escola;
5. Atividade lúdica em grupos/equipes: Quiz Pedagógico -
 - Fazer as perguntas em voz alta;
 - Os componentes dos grupos que souberem a respostas levantam a mão;
 - Ganha o grupo que registrar o maior número de respostas corretas;



4. OFICINA PEDAGÓGICA 3

**TEMA: A CRIAÇÃO DO MUNDO: OS
DIVERSOS OLHARES DA COSMOGONIA..**

NACIONAL

CURRICULAR COMUM (BNCC)

CONTEÚDOS

OBJETIVOS

- Cosmogonias;
- Teorias sobre a criação do mundo

- Conceituar cosmogonia, criacionismo e evolucionismo;
- Conhecer as diferentes narrativas religiosas sobre o surgimento do mundo, comparando-as e percebendo as suas semelhanças e diferenças.

(EF05ER02). Identificar mitos de criação em diferentes culturas e tradições religiosas;

(EF05ER03). Reconhecer funções e mensagens religiosas contidas nos mitos da criação do mundo, da natureza e tradições religiosas.

(EF05ER05). Identificar elementos da tradição oral nas culturas e religiosidades indígenas, afro-brasileiras, ciganas, entre outras.

(EF35LP25). Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

(EF05HI01). Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado..

(EF05HI07). Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF05HI08). Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

4.2 POR DENTRO DO ASSUNTO...

CRIAÇÃO DO MUNDO SEGUNDO A TRADIÇÃO BANTU

Segundo a história tradicional contada pelos mais idosos e categorizados Nganga (sacerdotes) de tribo bantu (Angola), que todos os povos negros descenderiam dos Bungu e estes diretamente do Nzambi (Deus Supremo da mitologia bantu).

Eis a história tal qual foi contada, da criação do Mundo e a ascendência divina destes povos.

Nzambi, a quem também chamam Ndala Karitanga (Deus criador de si próprio), Nzambi ia Kalunga (Deus Supremo e Infinito) e Nzambi Ampungu (Deus Poderoso), depois de ter criado o Mundo e tudo quanto nele existe, criou uma mulher para que fosse sua esposa e para que, por seu intermédio, pudesse ter descendência humana, a fim de que esta povoasse a Terra e dominasse todos os animais selvagens, por ele criado.

Disse a sua esposa que passaria a chamar-se Ná Kalunga, em virtude da filha que iria dar à luz, se chamar Kalunga.

Com efeito, tal como Nzambi tinha anunciado, passados nove meses, nasceu sua filha.

Esta foi crescendo como qualquer criança normal, junto de seus divinos pais, na Sanzala dia Nzambi (aldeia de Deus).

Logo que sua filha atingiu a puberdade, Nzambi, informou Ná Kalunga, sua esposa, que tencionava mostrar para Kalunga, sua filha, tudo que havia criado e que após três meses retornaria.

Esta resolução não agradou à divina esposa que tentou opor-se a que sua filha o acompanhasse. Porém Nzambi lembrou-lhe que ela tinha sido por ele criada para lhe obedecer, visto que, além de seu marido, era também seu Deus.

Contrariada, mas impotente para obrigar Nzambi a desistir do seu intento, limitou-se a deixar ir à filha com o pai, enquanto ela ficou a chorar amargamente.

Logo que anoiteceu, Nzambi, instantaneamente, construiu uma Kuabata (palhoça), na qual instalou uma só cama. Ao ver único leito, a filha recusou-se a dormir com o pai e saiu, a chorar da cabana.

Ao ver a recusa da filha e não podendo convencê-la de outra forma, disse-lhe que se não viesse imediatamente para junto dele, seria devorada pelas feras que infestavam a floresta.

Transitada de medo pelo que acabava de ouvir, Kalunga entrou novamente na cabana, deitou-se junto de seu pai e com ele dormiu não só naquela noite, mas durante todo o tempo que durou a viagem.

Finda esta, regressaram a casa e, Ná Kalunga, tal como tinha previsto, verificou que a filha estava grávida do próprio pai. Enraivecida pelo fato e pelo desgosto, no meio das maiores blasfêmias, enforcou-se numa árvore, perante os olhos atônitos da filha e de Nzambi, que nada fez para evitar tal suicídio.

Desgostoso pela atitude da mulher, que não compreendeu os seus designios para povoar o Mundo que ele tinha criado, mostrando ser indigna de continuar a ser esposa daquele que lhe tinha dado o ser, em vez de lhe dar vida, novamente, a amaldiçoou e transformou-a num espírito maligno, a quem deu o nome de Mulungi Mujimo (ventre ruim da primeira mãe que existiu na Terra).

A partir dessa altura, Nzambi passou então a viver maritalmente com sua filha Kalunga, a qual depois da morte da mãe, passou a chamar-se também Ndala Karitanga e a ser a segunda divindade.

Algum tempo depois da morte de sua mãe, durante um sonho, teve uma visão que deixou apavorada.

Viu a mãe com a cabeça apoiada nas mãos, a olhá-la com rancor e a insultá-la, dizendo que ainda ia devorá-la, enquanto ela envergonhada, pedia perdão a mãe e dizia que de nada era culpada, posto que, seu pai a tal a tinha obrigado. No meio desta aflição, acordou e contou ao pai o pesadelo.

Este a sossegou, dizendo-lhe que nada receasse daquela que tinha sido sua mãe e que agora era espírito mal, pois nenhum mal lhe poderia fazer, mas apenas lhe pedir comida. Portanto, disse Nzambi, vamos dar-lhe.

Levantaram-se ambos e Nzambi preparou um pequeno montículo de terra, junto da porta casa simulando uma sepultura. Disse ele então a filha, que fosse buscar carne e outra comida e a pusesse sobre aquela sepultura, proferindo, ao mesmo tempo, as seguintes palavras: Mam'é nzanga ua-ku-kurila. Halapuila kanda uiza kuri yami nawa: ny ngu-na-ku mono nawa, ngu n'eza ny ku ku cheha (minha mãe acabo de vir chorar-te; agora, não voltes a ter comigo outra vez, porque se volto a ver-te, venho matar-te). Nzambi(aldeia de Deus).

Chegado que foi o tempo, Kalunga deu à luz um filho ao qual Nzambi deu também, o nome de Ndala Karitanga, passando este a ser a terceira divindade.

Logo que o seu filho-neto cresceu e atingiu a adolescência, Nzambi ordenou-lhe que casasse com sua mãe Kalunga, para que esta concebesse dele muitos filhos de ambos os sexos, a fim de povoarem a Terra e dominarem todos os animais.

Cumprindo as ordens de Nzambi, sua filha e seu filho-neto casaram e tiveram um filho e uma filha. Quando estes chegaram à maioridade, Nzambi ordenou, então, que o primeiro casasse com sua mãe e a filha casasse com seu pai, dizendo que já não se justificava a primeira união que ele tinha ordenado, informando-os, ainda que depois daquelas uniões, as seguintes se fizessem só entre primos.

Por fim, depois de lhes ter ensinado tudo o que deveriam fazer, para a que sua descendência crescesse e multiplicasse, para que lutasse contra as doenças e os feitiços que um dos descendentes do sexo feminino, viria a possuir, porque ele lhes legaria.

Disse, também, que viriam outros descendentes divinos e que após deixarem a vida terrena, cada um dentro de sua atribuição, iria supervisionar o mundo que ele havia criado.

Nzambi despediu-se de todos, chamando depois, o seu cão, que sempre o acompanhava, dirigiu-se para à Sanzala Kasembe diá Nzambi (Aldeia Encantada de Deus), e dali subiu para o espaço, levando consigo o cão.

Naquela altura as rochas estavam moles, por terem sido formadas a pouco tempo. Ainda hoje se podem observar as pegadas esculpidas, numa rocha ali existente, especialmente do pé direito de Nzambi, assim como da pata dianteira do seu cão, estas pegadas existem também em diversas outras rochas espalhadas por toda a África, incluindo Angola. (vide pré - história da Lunda do autor).

Foi, pois, dali, que o Nzambi subiu à TCHUNDA TCHA NZAMBI (aldeia de deus), ou céu como nós lhe chamamos, onde se conserva, através dos séculos, para recompensar os bons e castigar os maus.

A pergunta feita a diferentes sacerdotes bantu, como é e quem foi que criou Nzambi, eles responderam que, sendo ele Ndala Karitanga, se deve ter criado a si mesmo e que tudo o mais é mistério que jamais alguém conseguiu ou conseguirá desvendar.

4.3 PRATICANDO A OFICINA...

a) Recursos didáticos

- Audiovisuais e multimídias – data show, notebook e pendrive;
- Textos impressos;
- Papel sulfite A4;
- Lápis de cores e giz de cera;
- Roupas para figurino;
- Materiais de sucata;
- Tesouras sem ponta;
- Livro paradidático.

b) Sugestões de rotinas pedagógicas para apresentação dos conteúdos curriculares:

1ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Trabalho em grupo: Leitura coletiva do conto africano: Orum Ayé – Raimundo Matos de Leão. Editora Scipione, 2014 (dividir o livro para leitura em três momentos)
2. Discussão sobre os principais pontos apresentados no texto;
3. Exposição dialogada: Teorias Criacionistas nas religiões;
4. Produção textual: Construção coletiva sobre a temática apresentada

2ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Leitura do texto: A Terra se expande. Reginaldo Prandi, Contos e Lendas Afro-brasileiras. A criação do Mundo (p. 13-26)
2. Exposição oral dialogada:
 - Iniciar com questionamentos sobre como eles compreendem a criação do mundo, aguçando a curiosidade sobre outras explicações sobre o tema;
 - Apresentar as principais teorias: Criacionismo, Evolucionismo e Big Bang, através de Linha do Tempo, identificando como se deu o surgimento primeiras formas de vida e da espécie humana;
3. Exposição do vídeo: Mitos da criação: Iorubá, tupi-guarani e judaico-cristã. In: <https://www.youtube.com/watch?v=uJ7CV9n0-DA>
4. Apresentação das sínteses dos grupos através de uma linguagem artística.

4.4 E PARA CONSOLIDAR A APRENDIZAGEM ...-

Apresentação através das expressões artísticas construídas pelos estudantes.

- Paródias musicais utilizando a temática criação do mundo na tradição bantu



- Peça teatral sobre a criação do mundo na tradição bantu



5. OFICINA PEDAGÓGICA 4

**TEMA: O TAMBOR DE MINA: OS SONS
QUE ECOAM NO MARANHÃO**



<https://br.pinterest.com/brubrzm/tradicoes-africanas/>

CONTEÚDOS

OBJETIVOS

HABILIDADES DA BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM (BNCC)

- O Tambor de Mina
- A história do tambor de mina no Maranhão
- Principais espaços de referência das religiões afro-brasileira no Maranhão.

- Conhecer os princípios do tambor de mina, enquanto religião de matriz afro-brasileira;
- Estabelecer a linha histórica do tambor de mina no Maranhão;
- Identificar os principais espaços de referências do tambor de mina no Maranhão.

(EF05HI03). Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos. Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas.

(EF05HI01). Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05LP24). Planejar e produzir texto sobre tema de interesse, organizando resultados de pesquisa em fontes de informação impressas ou digitais, incluindo imagens e gráficos ou tabelas, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

POR DENTRO DO ASSUNTO...

TAMBOR DE MINA - DO MARANHÃO PARA O BRASIL

Toy Azondelo de Xapanã

Tambor de Mina é denominação pela qual é conhecida a religião trazida pelos negros africanos de origem Jeje, Nagô e outras, para o Maranhão, o toque que indica um ritual de chamada e louvação às entidades africanas (Voduns e Orixás) e Caboclos de várias procedências.

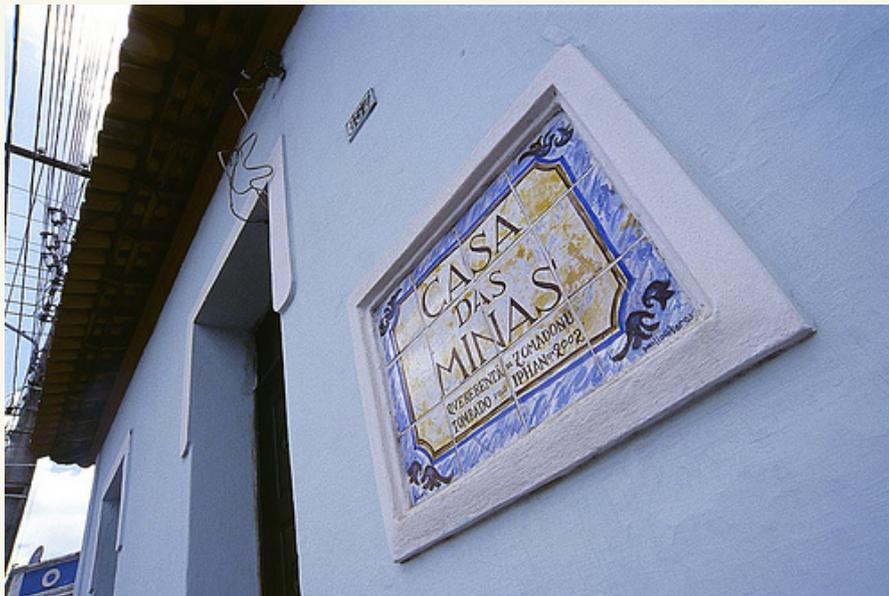
Os rituais são realizados em casas de culto chamadas de terreiros ou Casa de Mina, onde os iniciados recebem entidades em transe mediúnicos em rituais acompanhados por instrumentos como tambores (abatás, tambores da mata), cabaças e agogôs. O Tambor de Mina é realizado nos terreiros principalmente nos dias em que a Igreja celebra as festas de seus Santos. Há canto e dança dos filhos de santo com suas entidades, ao som de tambores acompanhados de cabaças (abês) e de ferro (gã ou agogô).

O Tambor de Mina surgiu com os negros Jêje - nagôs e vem sendo mantido por seus descendentes há mais de um século. Durante o ritual, os 'Encantados' se manifestam e entram em contato com os devotos. Duas casas se constituem respectivamente nas mais antigas de São Luís: A Casa de Nagô e a Casa das Minas.



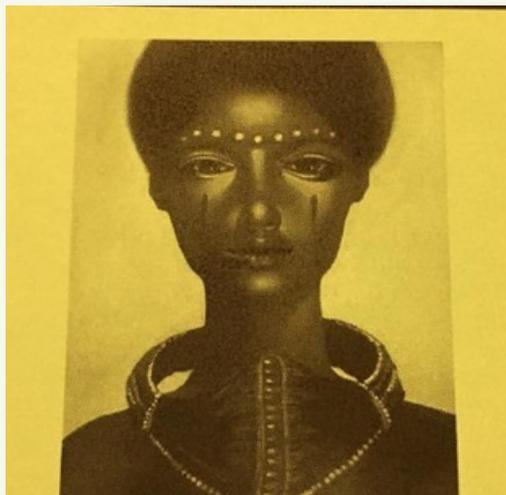
Casa de Nagô

A Casa de Nagô, fundada por descendentes de africanos, deu origem a outros terreiros de São Luís, em que são recebidas entidades africanas e caboclas de origem europeias ou nativa. Segundo relatos, foi fundada à época de D. Pedro por "malungos" africanos "de Nação", ajudados pela fundadora da Casa das Minas. Localizada na Rua Cândido Ribeiro, a Casa de Nagô influenciou os demais terreiros de São Luís. Há um calendário tradicional da Casa que mantém festas nos meses de Janeiro, Fevereiro, na Quarta Feira de Cinzas, em Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Outubro e Dezembro. Outros dois Terreiros antigos merecem ser lembrados: O Terreiro do Egito (já extinto) e o Terreiro da Turquia, (este era mantido por Pai Euclides da Casa Fanti Ashanti quando em vida). O Terreiro do Egito originou vários outros terreiros, com destaque para a Casa Fanti-Ashanti, de Euclides Ferreira; Casa de Iemanjá, de Jorge Itaci; e Terreiro Fé em Deus, de Mãe Elzita, filha de santo de Denira (já falecida).



<http://www.ipatrimonio.org/sao-luis-terreiro-casa-das-minas-jeje/#!/map=38329&loc=-2.538436999999985,-44.29946000000001,17>

"A Casa das Minas é o Terreiro de Tambor de Mina mais antigo de São Luís e é puramente Jeje", conforme Mãe Deni (Denil Prata Jardim, nascida em 02 de Julho de 1925, em Rosário/MA). Foi fundado em 1840 por escravos africanos procedentes de Daomé, atual República de Benin. Os africanos denominavam a Casa de Querebantá de Zomadomu.



Rainha "Na Agontimé"

Fonte: <https://twitter.com/senadofederal/status/1288486450858790922>

A fundadora do terreiro, conhecida como Maria Jesuína, era consagrada ao Vodun Zomadonu, o dono da casa. Segundo o que as pesquisas realizadas por Pierre Verger revelaram, a Casa das Minas foi fundada pela Rainha "Na Agontimé", viúva do Rei Agongló (1789-1797) e mãe do Rei Ghezo do Daomé.

A Casa das Minas possui uma organização matriarcal, sendo, portanto, chefiada por mulheres, começando pelas mães:

Na Agotimé, Luísa, Hosana, Andressa Maria (uma das mães mais conhecidas da Casa das Minas, que a governou entre 1914 e 1954) e Leocádia (Vodunsi Gonjaí).

Depois vieram as mães: Anéris Santos, Manoca, Filomena, Amância, Amélia Vieira Pinto, até chegar à Mãe Deni.

Mãe Deni, nascida Denil Prata Jardim, aposentada, vodunsi de Toi Lépon, é a nossa dirigente da Casa, consagrada a Lepon, Vodun da Família Dambirá. Faleceu em Fevereiro de 2015.

Em São Luís, a Casa das Minas é muito visitada, principalmente por ocasião da Festa do Divino Espírito Santo, realizada para Nochê Sepazim, princesa da família Real de Abomey, que é devota do Divino Espírito Santo.

A Casa das Minas, apesar de se apresentar como o único terreiro Mina-Jeje, exerceu grande influência nos terreiros de Mina de outras 'nações', inclusive na Casa Nagô, também fundada por africanas, que, segundo a história oral, foi aberta com a colaboração da fundadora da Casa das Minas. Hoje, além dos termos como "Vodun" e "Guma" serem amplamente utilizados nos terreiros de São Luís, alguns Voduns assentados na Casa das Minas são amplamente cultuados no Maranhão, entre quais: Badé Quevioçô, Averequête, Acóssi-Sakpatá e Ewá, o que mostra a grande importância da Casa das Minas na cultura maranhense.

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através do processo nº 1464-T00, a Casa das Minas é o terceiro Terreiro de Culto Afro-Brasileiro no Livro do Tombo do órgão, ao lado do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, ILê Axé Iyá Nassô Oká, tombado em 1987, e do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, em 1999, ambos de Salvador/BA. Por conta disso, de 26 a 28 de novembro de 2005, foi realizado um seminário sobre o Tombamento da Casa das Minas, no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho.

No primeiro dia, houve uma visita ao mais antigo terreiro de religião afro-brasileira em São Luís, na Rua de São Pantaleão, 857, com a inauguração da placa de azulejos comemorativa ao tombamento, e, no dia 27, foi aberta exposição temática. Seguiram-se mesas redondas e debates, com a participação especial das Vodunsis (filhas de santo) Deni Prata Jardim, Chefe da Casa das Minas, e Maria Celeste dos Santos.

Essa é a história da minha tradição. Axé a todos.



PRATICANDO A OFICINA...

a) Recursos didáticos

- Audiovisuais e multimídias – data show, notebook e pen drive;
- Veículo – ônibus;
- Blocos de notas, canetas;
- Crachás;
- Cartazes;
- Flips.
- Mapas;
- Livro paradidático;
- Lápis de cor;
- Tintas cores diversas;
- Papelão;
- Isopor;
- Sucata;
- Cartolinas – cores diversas;
- Cola isopor, branca e de silicone.

b) Sugestões de rotinas pedagógicas para apresentação dos conteúdos curriculares:

1ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Exposição dialogada: As religiões de matriz africana e afro-brasileira no Maranhão;
2. Apresentação do documentário: O Tambor de Mina.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FT5EQU-TCi4>

3. Visita aos principais monumentos do tambor de mina em São Luís – Casa das Minas e Casa de Nagô;
4. Atividade em grupo: Pesquisa sobre os principais representantes do tambor de mina no Maranhão;
5. Seminário: O Tambor de Mina: representação da resistência racial nas terras de Gonçalves Dias – mostra dos resultados das pesquisas dos estudantes

2ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Traçar a rota do movimento diaspórico dos negros escravizados trazidos para o Maranhão – Explorar o Mapa da época
2. Leitura coletiva: Nã Agotimé – A rainha africana no Brasil - Nandyala Livraria & Editora, 2019.
3. Atividade de grupo: Levantar os pontos geográficos e históricos que retratam a história da diáspora e escravização negra na capital maranhense;
4. Produção e exposição de Maquetes dos espaços pesquisados.

E para consolidar a aprendizagem...

1. Seminário com apresentação dos trabalhos dos grupos (atividade 1)
2. Produção de flyer sobre os pontos pesquisados para entrega na exposição (atividade 2).



FLYER - A origem de flyer vem da palavra inglesa fly, em português, voar. O material publicitário leva esse nome, pois seu objetivo é fazer circular a informação entre muitas pessoas. A qualidade de impressão é maior do que a de um panfleto ou folheto, assim como o texto é mais bem estruturado.



Alabés – Tocadores de atabaques. Nanquim e aquarela sobre papel 48 x 66 cm.
Fonte: catálogo da exposição – As cores do Sagrado – Caixa Cultural 2015/RJ

OFICINA PEDAGÓGICA 5

**TEMA: MUSICALIDADE E
INSTRUMENTOS DE ORIGEM AFRICANA
PRESENTES NA CULTURA LOCAL E
RELIGIOSA DO TAMBOR DE MINA**

CONTEÚDOS

OBJETIVOS

HABILIDADES DA BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM (BNCC)

Música;
Musicalidade
Instrumentos musicais e cultos e ritos das religiões de matriz africana

- Conhecer a musicalidade étnica que formou o povo brasileiro.
- Valorizar os saberes e linguagens presentes no cotidiano cultural e social da sociedade.
- Reconhecer as variedades rítmicas existentes na cultura.
- Perceber a importância dos toques dos tambores e demais instrumentos nos rituais do Tambor de Mina

(EF05ER01). Identificar e respeitar acontecimentos sagrados de diferentes culturas e tradições religiosas como recurso para preservar a memória.

POR DENTRO DO ASSUNTO...

ANDERSON LEON ALMEIDA DE ARAÚJO

Leila Dupret

[...]

A Música e seus Instrumentos

Não é, todavia Exu, o único intermediário entre os homens e os deuses. Os três tambores do candomblé também o são: O “Rum”, que é o maior; o “Rumpi”, de tamanho médio; e o “Lê”, que é o menor. Não são tambores comuns ou, como se diz ali, tambores “pagãos”; foram batizados na presença de padrinho e madrinha, foram aspergidos por água benta trazida da igreja, receberam um nome, e o círio aceso diante deles consumiu-se até o fim. (...). Compreende-se por que razão os instrumentos apresentam algo de divino, que impede que sejam vendidos ou emprestados sem cerimônias especiais de dessacralização ou de consagração, interessando-nos saber que somente por meio de músicas fazem baixar os deuses nas carnes dos fiéis (BASTIDE, 2001, p.34). O Abatazeiro é o nome intitulado ao tocador de abatá, instrumento percussivo revestido de couro de animal que é tocado com as mãos, o Abatazeiro também pode ser chamado de huntó como no Daomé (COSTA EDUARDO, 1982. p.74).

No contexto festivo das cerimônias afroreligiosas pressupõe-se a participação essencial do componente musical. Neste sentido, instrumentos, músicos e as canções são também sacralizados. Cada toque efetivado, cada ritmo, estará dedicado a uma divindade, ou a um momento preciso no culto, determinando assim a dança, os gestos e os movimentos empregados. Os membros dessas religiões compreendem os códigos musicais, identificando, por exemplo, que Orixá está sendo chamado e louvado através do som que está sendo entoado. Os tambores, nesta perspectiva, são vistos como seres vivos, são iniciados no culto como qualquer ser humano em nome de algum Orixá, são alimentados para reforçar o seu axé, e em dias de festa são vestidos com um pano em feitiço de echarpe chamado ojá, nas cores do seu orixá patrono. Visitantes, filhos de santo e as próprias divindades, sempre saúdam primeiro os tambores sagrados. Sacralizados, os atabaques são os responsáveis por trazer o Orixá à terra, até à cabeça do iniciado a ele dedicado. Desta forma, ao lado de Exu, que é Orixá mensageiro e princípio ativo da transformação, comunicação e movimento, a música exerce a função de condutor do axé. A música sagrada torna-se assim um dos instrumentos básicos para a realização da festa, tornando-se mais que trilha sonora do espetáculo ritualístico, pois que determina o sucesso desta em seu objetivo principal.

De modo geral, são tocados três cânticos para que cada Orixá desça ao terreiro. Caso nenhum deles se manifeste no espaço de tempo a eles designados, executa-se um toque conhecido por adarrum, sendo este violento e rápido, que faz com que todas as divindades baixem de uma única vez. Luís Felipe de Lima (2007) completa o retrato traçado até então sobre a importância da musicalidade para a prática afroreligiosa:

Com a música, o povo de santo invoca e festeja suas divindades, louva as forças da natureza, reza por seus mortos, inicia seus sacerdotes, manipula ervas sagradas, ajuda a curar doentes do corpo e do espírito. E muito mais. A música, nessa perspectiva religiosa, é elemento-chave na intermediação com o sagrado. A palavra revestida de som musical ganha o que em alguns ramos da tradição se diz por axé, poder espiritual, princípio de ação e transformação. Exemplo dessa importância são os atabaques, sacralizados em muitas casas de culto por meio de práticas análogas aos rituais de iniciação (LIMA, 2007, p.35).

Cada orixá também detém um ritmo específico, e durante o transe a música dá o tom e a intensidade à dinamização do mito referente àquela divindade, proporcionando

[a] atmosfera adequada ao caráter mais ou menos vibrante de cada orixá. Os orixás expressam suas características através dos ritmos particulares, criando um momento musical em que elas se tornam inteligíveis e plenas de sentido religioso. A sincronia entre dança, cores e ritmo é tão perfeita que é possível entender o orixá como esse conjunto de cor, ritmo e movimento (AMARAL, 2005, p.54).

Para além, o batuque ritual enfatiza a identidade do grupo e expõe as hierarquias presentes no culto: se cada terreiro afroreligioso segue uma tradição diferente, as formas e maneiras de tocar também são distintas, e os conhecedores das tradições religiosas entendem que se o terreiro toca os atabaques com aguidavis (ou varetas), canta em ioruba, com o ritmo de quetu, esse terreiro pode ser identificado como de candomblé nação Nagô; se os tambores são tocados à mão, em cantos bantos e ritmo de Angola, este terreiro pode ser reconhecido como de Angola-Congo; e quando um iniciado bate o paó, ou seja, palmas ritmadas com que se reverenciam as divindades, ou quando se utiliza do mesmo ato para reverenciar aos mais velhos na casa, denotam-se as hierarquias da comunidade⁶². Não são apenas os atabaques sagrados os únicos instrumentos utilizados neste contexto. São também os agogôs, xequerês ou aguês, e adjás. Estes últimos são sinetas portadas apenas pelos membros mais velhos no terreiro, e quando há a dificuldade da tomada do Orixá no seu filho humano em transe, são tocados próximos aos ouvidos deste, chamando a divindade ao xirê. Os outros dois instrumentos mencionados são utilizados em toques a determinados deuses, e em ritmos diversos, de acordo com suas especificidades. Os responsáveis pelas músicas são os alabês, ou seja, ogãs⁶³ iniciados para a execução musical. Como a música é imprescindível para realização da cerimônia, eles também o são. Um terreiro recém-fundado, com poucos filhos-de-santo e que não tenha nenhum alabê, deverá contar com a disposição de um alabê convidado, ou deverá contratar algum. Sem música não há festa, e candomblé não é candomblé sem esta.

PRATICANDO A OFICINA...

a) Recursos didáticos

- Audiovisuais e multimídias – data show, notebook e pen drive;
- Sucatas;
- Miçangas e fios;
- Textos copiados
- Livro didático
- Tesouras sem ponta;

b) Sugestões de rotinas pedagógicas para apresentação dos conteúdos curriculares:

1ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Leitura do texto: Lá no fundo do baú - Mércia Maria Leitão e Neide Duarte. Editora do Brasil
2. Exposição dialogada:
 - A música e a musicalidade na cultura brasileira - diversidade e ritmos.
 - Os sons produzidos pelo nosso corpo.
 - A música nos espaços do terreiro do Tambor de Mina – instrumentos musicais presentes nos rituais.
3. Construir com os alunos réplicas dos instrumentos presentes no Tambor de Mina – tambores, cabaças e agogô.
4. Montar uma exposição com os trabalhos realizados pelos alunos

2ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Leitura de letras de doutrinas do tambor de mina – Embarabô,
2. Pesquisar as palavras da letra – origem e significado;
3. Exposição oral dialogada – apresentação dos principais países ou nações reconhecidas após a pesquisa – etnias, bandeiras, língua/ dialeto, moeda e principais símbolos;
4. Produção textual: construir paródias ou acrósticos com elementos da cultura e religiosidade brasileira.

E para consolidar a aprendizagem...

- Elaborar um glossário de palavras de origem africana.



A woman wearing a white headwrap and a white short-sleeved shirt is seated and operating a traditional wooden spinning wheel. She is focused on her work, with her hands positioned to spin the wool. The background is a simple, light-colored wall.

7. OFICINA PEDAGÓGICA 6

**TEMA: O BANQUETE DOS SANTOS – A
COMIDA AFRICANA E OS TERREIROS
DO TAMBOR DE MINA**

- Comida,
 - O Sagrado,
 - Africanidade e Pertencimento
 - Gastronomia.
- Apresentar a diversidade e riqueza da gastronomia brasileira e maranhense e a influência da culinária africana nesse contexto;
 - Identificar os elementos da culinária brasileira e maranhense na preparação de comidas para os “orixás”;
 - Conhecer tipos de textos informativos na categoria de receitas culinárias, observando a diversidade de especiarias, alimentos e outros produtos trazidos pelos povos africanos na elaboração de cardápios presentes em nosso cotidiano;
 - Promover o reconhecimento das comidas de santo na formação da memória degustativa.

(EF02ER06). Exemplificar alimentos considerados sagrados por diferentes culturas, tradições e expressões religiosas.

(EF02ER07). Identificar significados atribuídos a alimentos em diferentes manifestações e tradições religiosas.

(EF05LP24). Planejar e produzir texto sobre tema de interesse, organizando resultados de pesquisa em fontes de informação impressas ou digitais, incluindo imagens e gráficos ou tabelas, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

(EF35LP18). Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
Compreensão de textos orais

POR DENTRO DO ASSUNTO...

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A ESCOLA. GUARDIÃS DA HERANÇA CULTURAL, MEMÓRIA E TRADIÇÃO AFRICANA

Yá comendadora Carmen S. Prisco

Culinária

Na perspectiva da apropriação dos termos africanos na língua portuguesa, a culinária brasileira é um lugar onde uma vasta terminologia acabou se configurando prática cotidiana. A influência africana na dieta do brasileiro possui dois aspectos. O primeiro diz respeito ao modo de preparar e temperar os alimentos. O segundo, à introdução de ingredientes africanos na culinária portuguesa.

Mas, na Bahia, no fim do século XVIII esse processo de organização das comunidades religiosas se inicia para além das devoções individuais e domésticas dos escravos e libertos. (...) quando foram recriadas muitas das comidas cotidianas dos homens e dos santos. Pois que os santos comem o que os homens comem.

Nessa altura... O negro já havia introduzido na cozinha portuguesa o leite de coco-da-Bahía, o azeite de dendê, confirmou a excelência da pimenta malagueta sobre a do reino, deu ao Brasil o feijão preto, o quiabo, ensinou a fazer vatapá, caruru, mungunzá, acarajé, angu e pamonha.

A cozinha negra, pequena mas forte, fez valer os seus temperos, os verdes, a sua maneira de cozinhar. Modificou os pratos portugueses, substituindo ingredientes; fez a mesma coisa com os pratos da terra; e finalmente criou a cozinha brasileira, descobrindo o chuchu com camarão, ensinando a fazer pratos com camarão seco e a usar as panelas de barro e a colher de pau.

Essa cozinha tão marcadamente africana - que a ideologia de um sistema religioso ajudou a criar e de certa maneira ajuda a preservar - se encontra atualmente espalhada por todo o país.

A Carne seca

A carne que era salgada e secada ao sol no período colonial a qual os negros chamavam de “jabá” passou a fazer parte da culinária brasileira.

O Acarajé

Quase todas as pessoas que visitam Salvador querem conhecer e experimentar o "acarajé" do tabuleiro da baiana. O acarajé é um termo utilizado para designar uma comida tipicamente baiana. Trata-se de um alimento, uma especialidade gastronômica da culinária afro-brasileira.

O camarão seco salgado ou defumado

O camarão seco defumado é utilizado no preparo de pratos típicos da Bahia (acarajé, xinxim de galinha, farofa de azeite, bobó de camarão, caruru, vatapá, etc).

As pimentas da África

A pimenta é um ingrediente antigo e muito utilizado pelas culinárias africana e indígena. Tanto os índios nativos do país, quanto os negros africanos que vieram como escravos consumiam pimentas em abundância. Os primeiros comiam-nas secas ou piladas, juntamente com farinha de mandioca (quya). Com a chegada dos escravos africanos ao Nordeste do Brasil – a primeira Região a ser ocupada pelos colonizadores – o consumo de pimentas foi incrementado. A nobreza e o clero apreciaram muito a pimenta brasileira – a *Capsicum* – que, por ser mais suave, passou a ser preferida e exportada para Portugal.

A culinária no bassè.

Os pratos assumem estéticas próprias nas maneiras de servir, nos acompanhamentos de arroz, de pirões e farofas de farinha-de-mandioca, molhos de pimenta, entre outros. Há escolhas de utensílios, objetos de barro, de madeira, de louça, para cada receita que tenha no quiabo o principal ingrediente, como o amalá.

O azeite de dende

Óleo eo extraído da noz do dendezeiro, de larga aplicação na culinária e nos cultos afrobrasileiros. Na religião dos orixás, é substância fortemente portadora de axé. No simbolismo iorubá, representa o poder dinâmico dos descendentes de Oduduá.

PRATICANDO A OFICINA...

a) Recursos didáticos

- Audiovisuais e multimídias – data show, notebook e pen drive;
- Fichas em cartolina cartão com palavras;
- Textos impressos;

b) Sugestões de rotinas pedagógicas para apresentação dos conteúdos curriculares:

1ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Apresentação da música: “O tabuleiro da baiana tem” – Interpretada por Gal Costa;
2. Leitura e reflexões sobre a letra da música;
3. Exposição dialogada:
 - Tipos de textos: poesia, receita culinária, cardápio
 - Apresentar elementos da culinária brasileira e maranhense com influência africana;
4. Trabalhar competências matemáticas através da leitura das receitas: números fracionários e medidas de capacidade;
5. Trabalhar as origens dos ingredientes utilizados nas receitas;
6. Feira Culinária – Iguarias do Cotidiano Cultural – apresentar suas relações com os espaços dos terreiros do tambor de mina.

2ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Trabalho em grupo: Pesquisa sobre os pratos típicos dos brasileiros que são de origem africana;
- 2.2. Exposição oral: Principais pratos da culinária dos orixás e suas relações com a culinária brasileira;
- 3.3. Apresentação de vídeo: Comida de Terreiro – Disponível em :

E para consolidar a aprendizagem...

- Organização de Feira Culinária – cartazes para divulgação, flips explicativos sobre o tema da feira, placas indicativas sobre os alimentos com nomes dos alimentos e pratos, distribuição de receitas e modo de preparo aos participantes

FEIRA CULINÁRIA: BANQUETE DOS SANTOS

O Tambor de crioula é uma religião afro-maranhense com forte influência indígena e negra, considerada como genuinamente maranhense. Faz seus ritos e festas dentro dos espaços dos terreiros e tem a presença dos orixás, voduns, índios, caboclos, gentios, entre outras entidades. Marca presença no Maranhão, Pará e Amazonas, estando em outros Estados da Federação.

Para reverenciar seus santos fazem oferendas diversas, como comidas, animais, flores, adornos, etc. A culinária dos santos é rica, farta e diversa e envolve muitos elementos da nossa culinária nacional e local.

Temos pratos da culinária brasileira e regional que também estão presentes nos terreiros como oferendas aos orixás, onde podemos destacar: caruru, vatapá, cocada, manjar branco, feijoada, abará, inhame, peixe frito, acarajé, entre outros.



Foto de Rajesh TP no Pexels

8. OFICINA PEDAGÓGICA 7

**TEMA: MINHAS INDUMENTÁRIAS:
REPRESENTAÇÃO DE MINHA
IDENTIDADE E RESISTÊNCIA**



- Vestimentas,
- Cores
- África e territorialidade

- Apresentar as diversas vestimentas e indumentárias de religiões judaico-cristão, de matriz africana e orientais;
- Identificar a representação dos orixás nas vestimentas das festas nos terreiros de religiões de matriz africana;
- Compreender a representatividade de pertencimento, territorialidade e simbolismos presentes nas indumentárias utilizadas nos terreiros das religiões de matriz africana, como o candomblé, umbanda e tambor de mina.

(EF03ER05). Reconhecer as indumentárias (roupas, acessórios, símbolos, pinturas corporais) utilizadas em diferentes manifestações e tradições religiosas.

(EF03ER06). Caracterizar as indumentárias como elementos integrantes das identidades religiosas.

(EF03ER04). Caracterizar as práticas celebrativas como parte integrante do conjunto das manifestações religiosas de diferentes culturas e sociedades. Indumentárias religiosas

POR DENTRO DO ASSUNTO...

INDUMENTÁRIA, COSTUMES E HISTORIOGRAFIA – TROCAS MAIS QUE POSSÍVEIS

Mayra Muniz

O estudo da indumentária não diz respeito apenas à moda. A fusão de indumentária e história não pode ser compreendida como uma novidade. A vestimenta, os símbolos e os objetos estão, há muito tempo, delimitando fronteiras geográficas, classificando castas, caracterizando tribos e ajudando a localizar as sociedades no tempo. A construção da imagem de uma civilização só pode ser feita através da pesquisa de sua origem e do conhecimento de suas peculiaridades.

A indumentária é uma linguagem social que nos fala sobre fenômenos humanos. Ela pode resultar de fatores naturais, como clima e região, ou pode carregar as marcas de valores religiosos e rituais. A resistência em compreendê-la como uma tecnologia possível e eminente, não a apaga dos registros historiográficos e etnográficos.

Aqui, tomamos como exemplo a análise da indumentária da população de origem africana que habitava o Rio de Janeiro do século XIX, pelos registros visuais feitos pelo pintor Jean-Baptiste Debret, e a contribuição da leitura de sua obra para decifrar os códigos da vestimenta desta camada da sociedade.

Faz-se necessário o conhecimento do status da moda naquele contexto, de maneira mais ampla, passando pelas classes altas compostas por pessoas brancas, que eram as recebedoras e disseminadoras de tendências européias no Brasil. Estabelecidas as diferenças entre os conceitos da importância do vestir-se para as duas camadas social e economicamente opostas (uma, negra e predominantemente escrava, trazendo consigo traços especificamente originários dos inúmeros grupos étnicos que compõem a cultura africana; a outra, branca, com acesso às informações vindas de países como França e Inglaterra, para a qual a roupa era um meio de ostentação de riqueza e poder, e sinal de civilização, uma vez que se tentava seguir os padrões europeus, mesmo isto consistindo em sacrifício físico devido às diferenças climáticas extremas), é preciso compreender de que maneira se dá o trânsito de influências entre elas. Como descreve Eduardo França Paiva, a respeito da mistura cultural instalada nos centros urbanos, tanto os do Rio de Janeiro, como os de Minas Gerais e da Bahia, após o que ele chama de “boom da mineração” ocorrida em fins do século XVII, resultando no grande desenvolvimento experimentado por estas regiões à época:

A população da América portuguesa aumentou rapidamente a partir da imigração de muitos portugueses, mas, principalmente, por conta da entrada de muitas dezenas de milhares de escravos africanos no Brasil. O universo cultural da colônia é naturalmente incrementado e se torna muito complexo, instigando trocas de experiências, de conhecimentos e de tradições, acentuando conflitos e distinções e possibilitando a formação de uma sociedade biológica e culturalmente mestiça (PAIVA, 2006, p. 54).

A partir destas janelas no tempo abertas por Debret, se pode alcançar os significados por trás das cenas retratadas por ele, cristalizando nestas imagens sua versão da história, entre desenhos e aquarelas das cenas urbanas do Rio de Janeiro que compõem seu Caderno de Viagem e o Catálogo Raisoné do artista, fornecendo um material valioso para a iconografia brasileira, sem utilizar eufemismos. “Neste sentido, a publicação do caderno é inestimável como mais uma fonte para um assombroso cotidiano, que era, ao mesmo tempo, pitoresco e cruel” (BANDEIRA, 2006, p.6).

É importante teorizar a função da indumentária como elemento cultural, e sua pertinência enquanto objeto de estudo na história, para isso, buscando embasamento onde a moda é tratada não como marginal, mas como peça importante numa época, conflitando noções em que é tomada como exclusiva das sociedades emergentes a partir da Idade Moderna, pois, segundo o filósofo Gilles Lipovetsky, está ligada à mudança e à efemeridade, o que exclui, desde modo, tanto as civilizações antigas, como as tribos remotas que cultivam hábitos milenares e estão alheias à mudanças; e elucidando o objeto da moda, ou seja, a roupa e sua ligação com o indivíduo (ou cultura), no papel de “coisa” fundamental, sem a qual perde-se parte da dignidade, respeitabilidade e capacidade de se afirmar perante a sociedade em que se insere, o que aproxima o vestir-se a um ritual onde a roupa é uma proteção e uma insígnia.

No livro *O Casaco de Marx: Roupas, memória e dor*, o autor Peter Stallybrass narra os altos e baixos aos quais a família de Karl Marx fora submetida na fase em que o pensador alemão viveu exilado em Londres, em condições precárias que o obrigavam, por várias vezes, a recorrer a penhora dos objetos pessoais dele, de sua esposa e filhas. Sobre isto, o autor conclui:

Tornou-se um clichê dizer que nós não devemos tratar as pessoas como coisas. Mas trata-se de um clichê equivocado. O que fizemos com as coisas para devotar-lhes tal desprezo? E quem pode se permitir ter este desprezo? Por que os prisioneiros são despojados de suas roupas a não ser para que se despojem de si mesmos? Marx, tendo um controle precário sobre os materiais de sua autoconstrução, sabia qual era o valor de seu próprio casaco (SRALLYBRASS, 2000, p. 124).

Neste prisma, à indumentária é atribuído um fetiche, ou seja, imprime-se nela um valor quase místico, um poder imaginário. Algo parecido com a prática muito comum de se guardar um objeto, uma peça de roupa que pertenceu a um ente querido, como se ali ficasse a memória, o espírito daquela pessoa. Este conceito é expresso não apenas nestas pequenas práticas que conhecemos, mas também está presente em realidades muito distantes temporal e geograficamente. Sabendo que, por roupa é compreendido o artifício usado para cobrir-nos o corpo, fica evidente a idéia de fetiche praticado em culturas indígenas e africanas, onde os indivíduos se pintam, adornam seus corpos com penas e ossos de animais, acreditando incorporar-lhes a força. De forma semelhante, entende-se o significado de adereços usados pelos negros no Brasil, como mostra Eduardo França Paiva, ao discorrer sobre Negra tatuada vendendo caju, de Jean-Baptiste Debret:

A mesma negra retratada por Debret ou idealizada por ele a partir de sua atenta e perspicaz observação da realidade brasileira traz à cintura uma penca de balangandãs. Essa coleção de penduricalhos, durante muito tempo, não passou aos olhos historiográficos de exóticos adornos usados pelas escravas e pelas libertas, sobretudo na Bahia e no Rio de Janeiro. Hoje se sabe que não se trata de um ornamento apenas, mas que eram amuletos e objetos que simbolizavam uma série de conquistas femininas, como, por exemplo, a alforria individual e familiar, a ascensão econômica e a preservação de valores culturais africanos e afro-brasileiros (PAIVA, 2006, p. 96).

Confirmando que a moda precisa ser levada a sério, abandonando o julgamento que a declara frívola e banal, há na contemporaneidade produções onde ela serve de apoio para a elaboração de estudos sobre diferentes assuntos humanos, relativos à socialização, arte e estética. Por isso, não só em produção relativa diretamente à moda podemos lançar nossos olhares, mas sim, de forma mais abrangente, devemos observar elementos que passam incólumes, não permitindo que a concebamos como linguagem, meio e objeto de pesquisa.

PRATICANDO A OFICINA...

a) Recursos didáticos

- Audiovisuais e multimídias – data show, notebook e pen drive;
- Textos impressos;
- Papel sulfite A4;
- Lápis de cores e giz de cera;
- Jornais, revistas e materiais de divulgação;
- Cola branca;
- Tesouras sem ponta;
- Livro paradidático;

b) Sugestões de rotinas pedagógicas para apresentação dos conteúdos curriculares:

1ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Apresentação do vídeo: Indumentárias Religiosas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-UwyqUdwCk>.
2. Exposição dialogada a partir do vídeo;
3. Trabalho em grupo: Pesquisar sobre diversas celebrações de diversas religiões – sugerir as religiões judaico-cristã, religiões de matriz africana, matriz asiática, entre outras;

4. Sistematizar as informações;
5. Apresentar as sínteses dos grupos.
- 6..Leitura do livro: “As memórias do baú”. In: “Formas e Cores da África”. Mércia Maria Leitão e Neide Duarte. Editora do Brasil

2ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Realizar visitas orientadas a templos religiosos presentes na cidade ou comunidade;
2. Realizar entrevistas com os líderes religiosos sobre as vestimentas e indumentárias utilizadas em seus rituais e celebrações;
3. Organizar as informações trazidas e produzir um texto informativo;
4. Pesquisar fotos, imagens e elementos religiosos, vestimentas/indumentárias.
5. Organizar exposição de indumentárias religiosas.



- E para consolidar a aprendizagem...
- Exposição: “O Hábito não faz o Monge” – indumentárias, roupas litúrgicas e de rituais de religiões presente na comunidade



9. OFICINA PEDAGÓGICA 8

**TEMA:FIOS E TRAMAS DE CONTAS – AS
CORES DOS ORIXÁS E NAÇÕES
AFRICANAS NOS ROSÁRIOS DO
TAMBOR DE MINA**

CONTEÚDOS

OBJETIVOS

HABILIDADES DA BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM (BNCC)

- Cores,
- Religiões de Matriz africana e afro-brasileira - Ancestralidade, territorialidade e representatividade de étnica.

- Mostrar a diversidade de cores e tramas utilizadas na composição dos fios de contas e rosários nas religiões de matriz africana;
- Identificar a representatividade dos orixás e demais entidades presentes nas religiões de matriz africana, tambor de mina, nos fios de contas e rosários.

(EF03ER05). Reconhecer as indumentárias (roupas, acessórios, símbolos, pinturas corporais) utilizadas em diferentes manifestações e tradições religiosas.

(EF05ER01). Identificar e respeitar acontecimentos sagrados de diferentes culturas e tradições religiosas como recurso para preservar a memória.

POR DENTRO DO ASSUNTO...

AS CORES DOS FIOS DE CONTAS DE CADA ORIXÁ NO BRASIL: INHÃS, DELOGUM, BRAJÁ, HUMGEBÊ/RUNGEVE E LAGDIBÁ/DILOGUM



Na mitologia sobre a invenção do candomblé, os colares de contas aparecem como objetos de identificação dos fiéis aos deuses e o seu recebimento, como momento importante nessa vinculação. De acordo com o mito, a montagem, a lavagem e a entrega dos fios-de-contas constituem momentos fundamentais no ritual de iniciação dos filhos-de-santo, os quais, daí em diante, além de unidos, estão protegidos pelos orixás.

Feitos com contas de diferentes materiais e cores, esses fios apresentam uma grande diversidade e podem ser agrupados por tipologias de acordo com os usos e significados que têm no culto. Assim, acompanham e marcam a vida espiritual do fiel, desde os primeiros instantes da sua iniciação até às suas cerimônias fúnebres.

Como nos momentos da montagem e do recebimento, também o instante da ruptura é significativo; entretanto, o rompimento do fio-de-contas, mais do que indicar um mau presságio, que assusta e preocupa o indivíduo e a comunidade, pode ser o início de um novo ciclo, um recomeço, um momento de viragem que pede um novo fio. Dos primeiros fios – simples, ascéticos e rigorosos – às contas mais livres, exuberantes, complexas e personalizadas que a pessoa vai produzindo ou ganhando ao longo do tempo, delineia-se o caminho de cada um na sua vinculação aos orixás e à comunidade do terreiro.

Desta maneira, mais do que a libertação do gosto particular, as transformações nos colares revelam o conhecimento adquirido pela pessoa e sua ascensão na hierarquia religiosa. De tal modo que um leigo pode passar despercebido por um fio-de-contas ou vê-lo apenas como um adorno, enquanto um iniciado na cultura do candomblé o tomará como um objecto pleno de significados, que pode ser “lido” e no qual é possível identificar a raiz, o orixá da cabeça e o tempo de iniciação, entre outros dados da vida espiritual de quem o usa.

Dos ritos secretos e espaços fechados do culto aos orixás, os fios-de-contas ganharam o mundo e adquiriram novos usos. De África vieram para o Brasil e para todo o mundo onde o candomblé se tem difundido. Hoje, devido ao sincretismo religioso, além dos espaços de culto, é possível observar a presença de fios-de-contas em lugares inusitados como automóveis e lojas, mas já destituídos das funções e sentidos primordiais, usados apenas para proteger os espaços e as pessoas contra maus agouros..

Pode ser chamado fio-de-contas desde aquele de um fio único de misanga até a um colar com vários fios presos por uma ou várias firmas. A quantidade de fios pode variar de uma nação para outra na correspondência de cargos.

Na hierarquia do candomblé toda a pessoa que entra para a religião será um Abiã e assim permanecerá até que se inicie. Ao Abiã só é permitido o uso de dois fios-de-contas simples de um fio só, um na cor branco leitoso que corresponde a Oxalá, de acordo com a nação e um na cor do Orixá da pessoa, quando já tenha sido identificado, dessa forma pode-se saber que a pessoa é um Abiã e qual é o seu Orixá

Um Egbomi usa diversos colares de um fio só, com contas na cor dos Orixás que já tem assentados e estas já podem ser intercaladas com corais ou firmas Africanas.

Tipos de fios-de-contas:

- Yian/Inhãs: Fios de uma só “perna”, isto é, o colar simples de uma só fiada de misangas cuja medida deve ir até a altura do umbigo.
- Delogum: Colares feitos de 16 fiadas de misanga com um único fecho cuja medida, como os Inhãs, vai até à altura do umbigo. Cada laô deve possuir, normalmente, um Delogum do seu orixá principal e outro do orixá que o acompanha em segundo plano.
- Brajá: longos fios montados de dois em dois, em pares opostos. Podem ser usados a tiracolo e cruzando o peito e as costas. É a simbologia da inter-relação do direito com esquerdo, masculino e feminino, passado e presente. Quem usa esse tipo de colar é um descendente dessa “união”.
- Humgebê/Rungeve: Feito de misanga marrons, corais e seguis (um tipo de conta).
- Lagdibá/Dilogum: Feito de fios múltiplos, em conjuntos de 7, 14 ou 21. São unidos por uma firma (conta cilíndrica).

As Cores dos fios-de-contas de cada Orisá:

- Esú – Contas pretas intercaladas com contas vermelhas ou contas cinzas.
- Ogum – Contas verde ou azul-marinho
- Osóssi – Contas azul-turquesa
- Omulú – Contas brancas raiadas de preto e marrom
- Osumaré – Contas verdes raiadas de amarelo
- Ossaim – Contas verdes rajadas de branco
- Iroko – Contas verdes intercaladas com contas marrons
- Logun Edé – Contas azul-turquesa intercaladas com contas douradas.
- Osum – Contas douradas ou contas de âmbar
- Iemanjá – Contas brancas translúcidas ou contas de cristal
- Iansã – Contas marrom ou contas de coral.
- Obá – Cinco contas vermelho-escuro intercalada com uma conta amarela, podem ser tipo cristal.
- Ewá – Contas vermelhas rajadas de amarelo
- Nanã – Contas brancas rajadas de azul-marinho
- Sangô – Contas vermelhas ou marrom intercaladas com contas brancas
- Osalá – Contas branco leitoso.



PRATICANDO A OFICINA...

a) Recursos didáticos

- Audiovisuais e multimídias – data show, notebook e pen drive;
- Textos impressos;
- Papel sulfite A4;
- Lápis de cores e giz de cera;
- Cola branca;
- Tesouras sem ponta;
- Livro paradidático;
- Quadro branco.

b) Sugestões de rotinas pedagógicas para apresentação dos conteúdos curriculares:

1ª PROPOSTA DE ATIVIDADE:

1. Leitura do livro: Zaamba Gaba: A princesa guerreira – Autora: Noélia Miranda
2. Apresentação do vídeo: A importância dos fios de contas. Disponível em: <https://youtu.be/Nb/eevs-SLM>.
3. Exposição dialogada: Os rosários: suas significações, as famílias, as cores e nações representadas; As divindades Africanas, Árvore genealógica dos Voduns e Orixás; Histórias de Reis e Rainhas presentes no tambor de mina.
4. Exposição visual: MOSTRA DE ROSÁRIOS DE ENTIDADES E ORIXÀS

Expor na sala de aula, rosários do tambor de mina com a indicação dos orixás, caboclos, encantadas/encantados e voduns.

2ª Proposta de Atividade:

1. Apresentação do vídeo: Minhas Contas (2008): Destruindo preconceitos através da literatura para crianças – Luiz Antonio – Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=19wX87nw5Gg&t=430s>
2. Exposição dialogada: Nossas histórias; Nós e nossas famílias e; O que é Árvore genealógica?
3. Atividade em grupo: Construção de Árvore Genealógica de um integrante do grupo e, posterior apresentação dos resultados.
4. Exposição dialogada: Apresentação de histórias de reis e rainhas que vieram escravizados ao Brasil e ao Maranhão; Apresentação de Árvore Genealógica do Tambor de Mina.

E para consolidar a aprendizagem...

- Organizar um podcast que trata sobre o uso de colares, pulseiras e demais ornamentos nas sociedades europeia, africanas e dos povos originários



10 CONSIDERAÇÕES

As atividades propostas neste Caderno de Orientações Pedagógicas servirão como subsídios para a discussão sobre a História e a Cultura Africana e Afro-brasileira, mais especificamente sobre as religiões de matriz africana e afro-brasileira, na perspectiva de disseminar novos saberes, visando a superação da intolerância e do racismo étnico e religioso.

Apresentar o tambor de mina nos conteúdos de sala de aula não tem o objetivo de persuadir e nem promover o proselitismo religioso, mas mostrar que a religião tem suas epistemologias presentes, pautadas na oralidade. Diversos são os saberes e as possibilidades apresentadas, pois acreditamos que o conhecimento favorece a adoção de novas práticas e comportamentos que nos aproximam da humanidade, da solidariedade e da cooperação.

Assim, solicitamos que os professores, pesquisadores e demais profissionais envolvidos no sucesso e qualidade da educação possam apropriar-se dos pressupostos presentes neste material pedagógico, como também acrescentar outras ações pedagógicas que visem aumentar e qualificar os espaços de formação de alunos e profissionais da educação e, conseqüentemente, melhoria dos indicadores sociais e educacionais presentes nos sistemas educacionais brasileiros.

Envolve-se nas brenhas das matas de Oxóssi, acerte com o seu Ofá o coração dos conhecimentos e saberes presentes na cultura negra e, banhe-se nas águas do mar, junto a Iemanjá, para lavar a alma e chegar ao Orum.

Muito axel!

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Carmagos; ALVES, L.P. Estratégias de Ewmsino. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos, ALVES, L.P..Processos de ensinagem na universidade; pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5ed. Joenville-SC. Univille, 2009. Cap. 32015, p.96)

ARAÚJO. Anderson Leon Almeida de Araújo e DUPRET, Leila. Entre Atabaques, Sambah e Orixás. Revista Brasileira de Estudos da Canção. Natal, v.1, n.1, jan-jun 2012. (p. 55-57). Disponível em: www.rbec.ect.ufrn.br

ASTAZERLD, Gemkos. Religiosidade versus Religião. Arte & Espiritualidade, 7 dezembro 2017. Disponível em: <http://artecult.com>. Acesso em: 21 de janeiro 2021.

CAVALLEIRO, E. (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando a escola. São Paulo: Selo Negro Edições, 3ª ed. 2001, p. 141-160.

Criação do Mundo Segundo a Tradição Bantu. Fonte: Ilabntu. 2013 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 23 de janeiro 2021.

Desconhecido. 2013, Disponível: <https://tamboresdejeje.blogspot.com/>

FERRETI, Sérgio. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998

MUNIZ, Mayra. Indumentária, costumes e historiografia – trocas mais que possíveis – Mayra Muniz. Revista Prosa, Verso e Arte, 2017. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com>. Acesso em: 25 de maio 2021

PRISCO, Yá Carmen S. AS religiões de matriz africana e a escola. Guardiãs da Herança cultural, memória e tradição africana. Ilè Asé e Instituto Oromilade, São Paulo, 2021, s.p.

XAPANÃ, Toy Azondelo. Tambor de Mina - Do Maranhão para o Brasil. Disponível em:<https://toyazondelodexapana.blogspot.com/>Acessado em 20mai/21

SOBRE A AUTORA



Sonia Luzia Nogueira da Fonseca, mestranda do Programa de Pós-graduação na Gestão da Educação Básica – PPGEEB, professora da rede municipal de ensino de São Luís, Especialista em Educação da Fundação da Criança e do Adolescente – FUNAC. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Pedagógica de Estudos Afrobrasileiros (GIPEAB) desde 2017 e da Associação Nacional de Pesquisadoras/es em Educação (ANPED) Graduanda do Curso de Licenciatura de Estudos Africanos (LIESAFRO)> Contato: e-mail: sonialuznogueira@gmail.com

SOBRE O ORIENTADOR

Antonio de Assis Cruz Nunes, Doutor em Educação pela UNESP de Marília/SP. Especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (RJ). Especialista em Avaliação à Distância pela Universidade de Brasília. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduado em Pedagogia pela UFMA. Professor Adjunto I do Departamento de Educação I da UFMA. Professor das disciplinas: Metodologia da Pesquisa Educacional e Pesquisa Educacional. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa Pedagógica Estudos Afrobrasileiros (GIPEAB). Vice coordenador do Programa de Pós-graduação na Gestão da Educação Básica – PPGEEB. É membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e sócio da Associação Nacional de Pesquisa Pedagógica (ANPED). É consultor ad hoc da FAPEMA. Possui inúmeras publicações na área de relações étnico-raciais. Pesquisador na área de relações étnico-raciais e metodologia da pesquisa educacional. Contato: e-mail: antonio.assis@ufma.br



